

A EVOLUÇÃO DO GÊNERO NARRATIVO DA ANTIGUIDADE À MODERNIDADE

*Elizete Pereira Dourado
** Adeilda Maria canguçú

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo geral apresentar um panorama histórico acerca do estilo narrativo desde o seu surgimento até o seu estado em fase moderna. As finalidades específicas são: compreender a origem e evolução do mesmo, apresentar as suas características, fazer uma abordagem sobre as teorias relacionadas e identificar a sua pluralidade narrativa. O estudo parte do pressuposto que a maneira de narrar feitos heroicos grandiosos de uma nação com a presença de deuses e mitos pertencem a epopeia, e ela é a principal narrativa da tradição em tempos primitivos. O assunto se desenvolve quando a forma anterior cede espaço ao narrativo moderno cuja classe representativa é o romance que volta-se para o homem comum em uma narração em prosa. Esse padrão compõe de duas normas que pode limitar ou libertar o escritor em sua produção literária. Há ainda que considerar os elementos que são cruciais ao gênero em critério de caracterização, além disso, o mesmo se expandiu em muitas classes, mas devido elas poderem pertencer a outro modelo é preciso classificá-las a ele a partir da reunião de traços que o correspondam. É fundamental a análise do tema por ser pertinente e proporcionar relevância na área literária. A pesquisa foi realizada por meio de análises de obras que versam sobre o assunto, portanto situa-se numa abordagem qualitativa que visou interpretar informações para chegar aos resultados hipotéticos obtidos.

Palavras Chaves: Evolução. Características. Teorias. Pluralidade.

ABSTRACT

This article has as general objective to present a historical panorama about the narrative style since its emergence until the modern phase. The specific purposes are: to understand the origin and evolution of it, in order to present its features, to make an approach about the related theories and to identify its narrative plurality. The study assumes that the way to narrate grandiose heroic deeds of a nation with the presence of gods and myths belonging to the epic, and it is the main narrative of tradition in primitive times. The subject develops when the former form yields modern to the narrative space whose representative class is the novel that turns to the common man in a narration in prose. This pattern consists of two norms that can limit or free the writer in his literary output. It is also necessary to consider the elements that are crucial to the genre in characterization criterion, in addition the same has expanded in many classes, but because they could belong to other model it is necessary to classify them from the meeting of corresponding traits. It is essential to analyze the topic for being relevant and provide relevance in the literary field. The research was accomplished through analyzes of works that deal with the subject, therefore it is located in a qualitative approach that sought to interpret information to achieve the hypothetical obtained results.

Keywords: Evolution. Features. Theories. Plurality.

*Elizete Pereira Dourado, graduanda em Letras: Língua Portuguesa/ Língua Inglesa e suas Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Goiás Câmpus Posse elizete_dourado18@hotmail.com **Adeilda Maria Canguçú, graduada pela Universidade Estadual de Goiás, Pós - Graduada em Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa e Língua Inglesa Pela Universidade Cândido Mendes/ Instituto Prominas, Pós graduada em Ensino de Humanidades pelo Instituto Federal Goiano Câmpus Posse e-mail adeildaprof@gmail.com

2 Introdução

O surgimento do conceito de gênero originou-se com os filósofos Platão e Aristóteles, no século IV A.C, baseado no conceito de mimese. A origem da palavra vem do Latim Vulgar, *generu* acusativo de *generus* pelo Latim Clássico *genus* e significa “raça”, agrupamento de indivíduos ou seres portadores de traços comuns. Três são as formas genéricas existentes: lírico, dramático e épico, sendo o último o propósito dessa pesquisa, que tem como atributo principal a narração, cujo traços o distingue dos dois anteriores. Essa categoria é uma forma anterior ao narrativo moderno.

A partir do século XVIII com o romantismo a prosa ganha destaque, nesse ponto se culmina a evolução em que o estilo épico de narrar passa a ceder espaço para o moderno. Além disso, o modelo literário apresenta uma pluralidade que quando desencadeia novas espécies são consideradas subgêneros. As características são peças fundamentais que estão interligadas nas composições narrativas. Situa-se nesse meio tempo a noção imutável defendida pelos clássicos nesse sentido não poderia haver misturas entre as classes, porém a partir do barroco surge uma teoria contrária, em que pode haver mesclas entre as formas, denominadas mutável.

Esse estudo tem como objetivo geral apresentar um panorama histórico sobre o modelo literário em questão e seu aspecto evolutivo a fim de compreender em que perspectiva ocorreu tal evolução. Para tal, foi elaborado quatro objetivos específicos que consiste em compreender o surgimento do item e sua evolução no decorrer do tempo, apresentar suas características, fazer uma abordagem sobre as teorias relacionadas além de identificar sua pluralidade literária. Por conseguinte, a importância desse tema se deve a fatores como ser um assunto de interesse para a Teoria Literária, Língua Portuguesa, Filosofia e outras áreas que se fizerem afins. Portanto, devido ao seu engajamento fez-se necessário buscar nuances da filosofia para o entendimento desse objeto de estudo.

A escolha sobre o gênero narrativo se deve ao fato de ser uma forma literária rica em detalhes, que tem como característica principal a narração de uma história seja ela fictícia ou real, apresenta um conteúdo dinâmico que prende o leitor no desencadear dos fatos dispostos pelo escritor, apresentados por um narrador. Outro fator motivador foi o fato de em uma única obra haver a possibilidade de mescla de várias classes, cuja abordagem científica situa-se a

pesquisa sob abordagens clássicas e modernas como garantia de melhores detalhamentos sobre o tema.

3 Embasamento Teórico

O estilo narrativo originou-se do épico, que, para melhor exatidão convém situar seu surgimento na antiguidade greco-latina através das grandes epopeias de Homero e Virgílio, fase em que esse termo ganha consolidação enquanto gênero ainda que de forma muito primitiva com Platão e Aristóteles. Nessa época os filósofos faziam menção a tríade como uma forma de imitar a realidade. O padrão conhecido era apenas o épico, que constava na divisão da *República de Platão*, entre o lírico e o dramático. A narração era o foco principal dessa forma literária, contando com um narrador que devia manter-se distanciado dos fatos narrados, numa narrativa em forma de verso, também norma daquele tempo, alternava entre narrar e imitar.

Consistia em apresentar os fatos e ações em partes de forma lenta, sem a preocupação com o desfecho, é o que faz a epopeia sua espécie representativa. Em fase moderna essa classe é considerada extinta, substituída pelo romance, narrativa de ficção em prosa voltada para o homem como ser comum e não é habitual se destinar a relatar fatos históricos do passado como a forma anterior. Para exemplificar melhor a passagem antiga para a moderna convém ressaltar um parecer de Motta (2006), que melhor explica essa questão:

Nobre e dominador, o gênero épico, por meio de sua principal forma de expressão poética, a epopéia, teve sua hora e vez. coroou a sua glória por entre os giros das voltas da história cultural do homem. Mas quando se viu tolhido e o seu anacronismo apanhado pelas engrenagens do tempo (...) aceitou com humildade e resignação o seu devir. Mirou-se em sua outra face foi se encontrar na imagem do irmão não-nobre a sua metamorfose. Passou então o seu cetro ascensional à narrativa em prosa, revigorada e transsubstancializada na forma de romance. Não subiu aos céus para a sua sagração, mas por sacrifício em nome do desenvolvimento da forma romanesca. Assim, não caiu no reino do esquecimento: do épico, ganhou amplitude moderna de gênero narrativo. (p.40)

Sendo assim a antiga forma era considerada como nobre devendo esse título à epopeia, que teve o seu momento de estar no auge de utilização, mas quando não mais foi requisitada se pôs o seu fim por não ter mais destaque, mas cedeu espaço de ascensão ao romance que deu continuidade ao gênero, mas em forma de prosa não mais em verso e muito menos de caráter nobre. O autor enfatiza que o estilo não foi esquecido por ter perpetuado em tempos novos sobre um âmbito mais renovado.

Soares (2007) em um parecer similar retrata que mesmo após essa transformação o épico será manifestado sempre que repercutir a intenção de englobar a realidade em uma única obra. Nesse novo período as narrativas podem ser tanto em verso como prosa, todavia essa última é mais comum ao modelo moderno. Dessa forma, percebe-se que embora não vigorem com a mesma intensidade, suas ascendências se encontram presentes nesse novo padrão.

Ainda sobre o aspecto supracitado, é importante ressaltar que, Motta (2006) aborda de modo bastante relevante sobre a origem e evolução do gênero aqui requisitado, ao traçar um percurso sobre o estilo desde o seu surgimento na antiguidade e sua evolução até a modernidade. Para exemplificar esse percurso é esboçado metaforicamente o desenho de uma árvore utilizando as principais formas narrativas. O ponto de partida do item metafórico inicia com a formação das raízes, que situam três formas: o mito, a lenda e o conto, esses três pilares exercem a função de base para o épico. A respeito dessas bases originárias o autor afirma:

Do entrelaçamento das três raízes originárias da semente do gênero narrativo, (...) brotará na superfície do terreno histórico conhecido, o tronco da poesia épica, a quarta grande forma narrativa. Essa forma constituirá o sustentáculo de uma das partes principais da árvore até o momento de sua bifurcação em um ramo notadamente empírico e outro ficcional. (*Ibidem*, p. 59)

Seguindo essa linha de pensamento do autor, nota-se que esse entrelaçamento composto pela tríade modelou a narrativa tradicional, dando origem à poesia épica retratada aqui metaforicamente pelo tronco de uma árvore, numa abordagem mais profunda pode se relacionar como aquilo que suporta suas ramificações, fator constituinte de um embasamento sólido desse modelo que ainda que tenha se dividido em razões de sua evolução, é possível perceber nuances de suas bases servindo como ponto de partida para o aperfeiçoamento desse modo literário.

A narrativa ocidental teve início com a epopeia, no entanto é na Grécia antiga que se encontram informações completas desde o seu princípio até o amadurecimento. O abastecimento sobre o estilo em verso se encontra nas obras dos críticos literários como exemplo Aristóteles, que é considerado como o primeiro a tratar do histórico da epopeia. No tratado do filósofo as normas referentes a poesia épica foram sistematizadas com base no conceito de *mimese*. Sendo assim a epopeia tem a função de imitar ações e vidas.

O início da prosa marca uma mudança importante que culmina dos tempos remotos ao atual: “nesse processo, a narrativa passa da oralidade à escrita, o cantor e o contador são substituídos pelo narrador, e o *epopoios*, o fazedor de versos dá lugar ao *logografhos*, o escritor de prosa.” (*ibidem* p.99) Essa evolução ocorre após o êxito da épica que se manifestava sobretudo de forma versificada e oral sob o comando de um contador. Como menciona o autor, o narrador substitui esse representante da narrativa oral assim como aquele que faz versos cede a vez para o escritor.

Após o distanciamento da tradição pela ficção e o empírico surge o romance o novo modelo que atende os anseios da sociedade burguesa, sendo ele o veículo de expressão desse grupo social emergente. Contudo a origem dessa forma moderna situa-se no período do pós-renascimento, com as obras *Lazarillo de Tormes* de autoria desconhecida e *Dom Quixote* de Cervantes, nas quais o herói não é mais divinizado, mas de certa forma ridicularizado. Mesmo distante da esfera tradicional essa nova modalidade ainda tem aspectos que a correspondem revelando um fundo mítico histórico e ficcional. Esse modelo se encontra na colocação da copa da árvore traçada pelo autor citado anteriormente, que situa o ponto mais alto da transformação narrativa.

Em uma abordagem mais sintetizada Stalloni (2003) referencia a epopeia falando sobre sua relação com o épico em que enfatiza que a mesma não passa de uma renovação do estilo. Em seguida o autor detém sobre as características dessa forma poética, sendo ela uma classe importante que fez com que houvera séculos adiante do seu declínio, várias narrativas com o mesmo caráter. No entanto muitas dessas manifestações não tiveram reconhecimento da obra e assim a mesma foi decaindo e só foi revigorada no período romântico em que os autores modernos tentaram recuperar o estilo, mas sem êxito, pois alguns cometeram exageros.

Nos séculos XIX e XX também houve traços da mesma, mas se tratando apenas do mesmo tom característico da forma longe de serem as obras consideradas como tal. Devido ao assunto do épico ser voltado apenas para um momento histórico e destinado ao coletivo sendo mais difícil repercutir esse assunto, o romance se caracteriza de forma triunfal por corresponder ao individualismo que é característico da fase moderna.

Pontuado sobre as transformações ocorrentes ao estilo é importante ressaltar que ele dispõe de qualidades que lhe são particulares e essas resultam de seus elementos, uma vez que presentes nas espécies que deste se originam são os mesmos que faz com que este padrão apresente singularidade em termos de traços próprios. Por outro lado, a ausência deles resulta em textos sem sentido, pois são dispostos de maneira interligada em que um depende do outro para a construção de sentido.

Soares (2007) referencia esses termos dentro da estrutura do romance sendo dispostos de maneira interligada em sua construção compondo elos entre os mesmos: “Em qualquer dessas formas, ora perfeitamente delineadas e identificáveis, ora desestruturados e camuflados, o enredo, as personagens, o espaço, o tempo, os pontos de vista da narrativa constituem os elementos estruturados do romance.” (p. 43) Assim a estrutura dele é composta por parte daqueles definindo-os como identificáveis ou camuflados.

Em relação ao enredo entende-se que o mesmo apresenta uma ligação com a personagem, surgindo através das ações das mesmas. A forma como são organizados os acontecimentos é que caracteriza a sua existência. A protagonista por sua vez tem a função de desencadear as ações dentro da trama, existem dois tipos: plana e redonda, atribuindo a primeira a característica de permanecer de um único modo do início ao fim da história ao passo que a segunda sofre uma variação no percurso da narrativa. O desenrolar da história ocorre por meio do tempo que pode ser cronológico ou psicológico.

O espaço é o local onde as personagens atuam, esse elemento pode ser interior, referindo-se ao ambiente mental, ou exterior dando margem ao cenário físico. É um ponto importante na construção de uma narrativa pelo fato de estar ligado ao tempo em que juntos dão forma ao enredo. O narrador é observado sob dois pontos: se participa da intriga sob o ponto de vista da primeira pessoa, sendo o protagonista ou personagem secundária ou se o mesmo é ausente, não participando de modo ativo, mas conhecendo o inconsciente de quem atua.

O ponto de vista como é pontuado pela autora, refere-se a maneira como é narrada a história, em que a mesma menciona três tipos distinguidos por Jean Poullon, que são: visão por trás; visão com e visão de fora. também faz menção a Vitor Manuel De Aguiar e Silva em que

traz outras formas de foco nomeadas como: focalização heterodigiética, homodigiética, interna, externa, onisciente, restritiva, interventiva e restritiva.

No foco visão por trás, mencionado anteriormente, consiste ao conhecimento total do narrador sobre as personagens e a trama, a visão com quem anuncia a história tem o mesmo conhecimento de quem a protagoniza e a visão de fora a exposição é feita sem adentrar na mente das personagens. Enquanto o foco narrativo de Vitor Manuel é apresentado por termos contrários em que na primeira o enunciador não atua, contrário à homodigiética, em que ele é agente. Portanto quando o narrador conhece o interior das personagens é nomeado de interna. Por outro lado, quando apresenta apenas aspectos visíveis recebe o termo de focalização externa.

Ao conhecimento em totalidade sobre as personagens e a história, o termo é onisciente, todavia quando o narrador tem o mesmo conhecimento das personagens é restritivo. Quanto à intervenção desse elemento na história através de comentários a focalização é interventiva, controverso a ausência de intervenção situação nomeada como neutral.

Gancho (2006) faz um estudo abordando os mesmos elementos excepcionais, a mesma pontua cada um com maiores detalhes, nesse ínterim o enredo é abordado de forma sintética, porém enfatizando suas partes como: exposição, complicação, clímax e desfecho, que giram em torno de um conflito. Já a personagem é apontada como um ser fictício, que desencadeia a trama, a autora estabelece classificações a ela como: protagonista, antagonista e secundária. Assim como promove uma caracterização quanto ao seu modo plano e redondo. O tempo possui uma ligação com a trama no requisito da época que se passa a história, assim como é fundamental para situar a duração da mesma.

O espaço tem a função de interagir com as ações das agentes de modo influenciador ou se moldando de acordo com as mesmas. Por outro lado, o narrador é apontado como o elemento crucial à intriga, denominado como o organizador. Aponta o foco terceira pessoa com a variante intruso, que interage com o leitor, e parcial que dá espaço para um personagem com quem se identifica. As variantes da focalização em primeira pessoa são do estilo testemunha em que a personagem principal que narra a trama e enunciador protagonista que também é a figura central que apresenta os fatos, porém de modo mais crítico.

Leite (2001) estabelece uma abordagem sobre o foco enunciativo tradicional em que o mesmo difere do moderno. Na poesia épica ele apresentava a mesma visão da narração que todos tinham, além de se manter distante dos fatos exercendo a função de mediador. No romance esse é mais próximo seja por falar diretamente ao leitor ou por mantê-lo perto intimamente de quem atua e dos acontecimentos.

Através dessa colocação sobre os itens destacados é perceptível como são importantes ao estilo sob pontos de dinâmica das obras em que são contribuintes para o desencadear dos fatos. São elos cruciais que exercem função de estrutura que sem os quais não existiria o gênero, que, além disso, o sucesso de uma narrativa depende deles e sendo mal elaborados levam a resultados diferentes do esperado. Dentre as inúmeras relevâncias eles ainda são arquétipos que tanto distingue quanto assemelham uma criação literária da outra.

Além de apresentar elementos que são cruciais ao estilo faz-se necessário apreender sobre as teorias que tanto o envolvem quanto aos demais. Uma vez que na fase clássica data o início da normativa em que nessa os modos literários são considerados como possíveis de conter apenas uma forma e ainda distintos, nesse ínterim Tavares (2002) faz menção a Wellek na qual reforça essa questão acrescentando que essa além de colocá-los como contrários ainda não poderia se misturar.

Todavia, outra hipótese surgiu na modernidade denominada como descritiva em que o autor novamente faz alusão a Wellek e Austin Warren que pontua sobre essa segunda proposição: “a moderna teoria dos gêneros é manifestadamente descritiva. Não limita o número de possíveis gêneros e nem dita regra aos autores. (...)” (*Apud* TAVARES, 2002 p.111) Desse modo diante dessas duas teorias, percebe-se que a segunda contradiz a primeira em que as categorias literárias além de poder se misturar ainda têm caráter descritivo na qual o escritor é livre quanto a sua criação, não depende de nenhuma regra que o limite quanto a sua produção. Diferente da primeira em que o autor teria que colocar sua obra de modo a abarcar apenas uma classe, devendo obedecer às regras que lhe são impostas.

Soares (2007) também menciona a respeito dessas presunções quando cita sobre a intriga que houve através das contestações dos modernos referentes as ideias dos clássicos, assim a autora pontua:

as reações aos postulados clássicos levaram, ainda no século XVII, à chamada “Querela dos antigos e modernos”. Os “modernos”, que seriam posteriormente identificados como barrocos posicionavam-se a favor das normas literárias inovadoras, que melhor representavam as mudanças de cada época, contrariamente aos antigos que ainda defendiam a imutabilidade das regras greco-romanas. (p.13)

De acordo com essa afirmação, percebe-se que houve certa divergência quanto à questão do estilo na qual convém situar de um lado a defesa do quesito imutável em relação aos gêneros pelos antigos e do outro lado os modernos, que seriam os barrocos, na defensiva de ideias novas situando a teoria mutável.

Aguiar e Silva (2007) no seu livro “Teoria da Literatura” faz um parecer semelhante em que aglomera mais informações acerca do assunto:

os antigos consideravam as obras literárias greco-latinas como modelos ideais e inultrapassáveis e negavam a possibilidade de criar novos gêneros literários ou de estabelecer novas regras para os gêneros tradicionais; os modernos (...) defendiam a legitimidade de novas formas literárias (...) admitiam que os gêneros canônicos (...) pudessem assumir características novas(...). (p.356)

Sendo assim o autor repercute as ideias contrárias dos antigos e modernos assim como os autores anteriores. Sobretudo com base no seu parecer, as obras pertencentes à antiguidade eram consideradas pelos defensores da preceptiva como forte apoio para sustentar seus argumentos, sendo que essas davam suporte para a negação da possibilidade de criação de novos estilos e outras normas. Por outro lado, os críticos opostos tinham na defensiva a possibilidade de novas classes e sendo os modos genéricos possíveis de mudança.

Para Massaud (2003): “os gêneros não são leis nem regras fixas, mas categorias relativas dentro das quais cada escritor se movem a vontade (...)” (p.65) o autor defende a ideia de aspecto livre sem estabelecimento de regras quanto a inspiração artística na composição de obras. Assim um escritor podendo realizar uma produção sem um padrão que o limite em que ainda tem o livre arbítrio quanto ao conteúdo que escreve se configura nesse molde na conjectura descritiva. Desse modo é possível afirmar que o autor acima citado assume uma posição na defensiva de ideias novas sem se manter neutro diante de uma questão que apresenta controvérsias.

Depois de ter apreendido sobre as teorias que envolvem o padrão em questão convém identificar quais são as atribuições que o faz continuar existindo. Sendo assim o crescimento e expansão de uma categoria genérica dependem de suas características ou traços em criações literárias, quanto mais escritores escolher esse estilo como molde de suas obras mais ele estará expandido. Desse modo um grande acervo de espécies com atributos do mesmo resulta na pluralidade ou multiplicidade:

o gênero é uma figura de pluralidade. Para que haja gênero, é preciso que haja reunião, fundamentada sobre critérios de semelhança, de elementos individuais tomados em número indefinido, mas de importância bastante significativa. (STALLONI Yves, 2003. Pag.13-14)

Seguindo nessa linha de raciocínio um modo literário para continuar a existir é necessário que existam traços do mesmo em uma ou mais produções literárias. Desse modo convém situar o gênero narrativo como sendo um estilo plural por ser rico em espécies pelo fato delas apresentarem características que pertencem ao mesmo.

No entanto, nem todas as espécies pertencem a esse modelo, como esclarece Tavares (2002) “Quando classificamos certas espécies em determinados gêneros, não significa isso que elas sejam exclusivas daqueles gêneros”. (p.115) Através dessa afirmação o autor contribui na defesa da mescla das classes, uma vez que se uma narrativa pode ser utilizada por mais de uma classe e com características externas a essa se configura o hibridismo. Nesse aspecto se encaixam a crônica e a anedota que são classificadas ao narrativo, mas também pode pertencer a outro como será mencionado à frente.

O autor acima citado retrata a respeito das espécies de uma categoria genérica como subclassificações sendo, portanto, derivações do mesmo, reconhecidas através de distintivos dessa forma literária. Em relação às espécies classificadas ao narrativo, o mesmo considera algumas em verso como: epopeia, romance ou xácará, canção de gesta, balada, poema heroico ou narrativo, poema herói-cômico, poema burlesco e poema alegórico ou prosopopáico. Das espécies em prosa são pontuadas: romance, novela, conto, anedota, crônica, apólogo e parábola.

A palavra romance em forma primitiva resignava-se ao sentido de idioma sendo sinônimo de vernáculo, recebe o nome desse termo os poemas narrativos que eram escritos nessa língua. É também conhecido como xácará, foi difundido por diversas regiões como:

Inglaterra, Espanha, França, Alemanha e Irlanda. De modo formal essa espécie é caracterizada como poemas populares com desfecho indeterminado.

A canção de gesta se assemelha ao anterior na forma, mas difere no conteúdo, que é destinado a exaltar feitos heroicos. A balada situa-se no tempo da Idade Média voltada para retratar a vida cavaleiresca, sendo lendárias e com autoria anônima. O poema heroico se assemelha à epopeia por se tratar de narração de fatos, porém o que difere é que nesse os acontecimentos são de menor importância. A composição herói-cômica é uma narrativa com tom solene de forma heroica, mas com assunto popular direcionado ao ridículo. Já o burlesco é o oposto, é direcionado ao assunto sério e trágico, podendo ser também uma paródia. Por Alegorias morais entende-se: as representações de vida animalésca, mas com a inserção de lição de moral. O poema didático sendo a última forma proposta pelo autor na categoria versificada tem a função de passar ensinamentos sendo informais ou de natureza filosófica.

A novela resume os elementos do romance, na qual os diálogos ocorrem em curto tempo de duração, as narrações são diretas sem rodeios. O conto é considerado como a narrativa mais breve, que admite conteúdos diversos como as duas anteriores. Há um problema na distinção das três narrativas anteriores pelo fato de se assemelharem ao conteúdo, e a técnica distintiva geralmente é feita através do tamanho de cada uma revelando uma decadência do critério

A crônica só é classificada ao estilo presente a partir da etimologia “*Chronos*” que significa tempo sendo atribuído nesse sentido a relato histórico. A anedota apresenta dois sentidos sendo o primeiro atribuído ao gênero narrativo no sentido de ressaltar episódios e fatos curiosos da vida de alguém. Por outro lado, quando a mesma é uma história de essência humorística pertence ao humorístico. A fábula foi uma classe bastante utilizada pelos antigos, sua forma era em verso, sobretudo seu conteúdo condiz em ter a vida dos animais como assunto e apresenta uma lição de moral. O apólogo é semelhante a fábula por também ser curta e de sentido alegórico, o que os distinguem são as personagens em que nesta são inanimados. A parábola também é similar aos dois anteriores no sentido de ser breve, mas a sua finalidade é referir-se ao homem e sua destinação transcendental.

Stalloni (2003) por apresentar um estudo com o foco em tempos modernos aborda apenas formas em prosa, porém traz uma contribuição importante ao retratar sobre as subdivisões do conto e romance, que são nada mais que a perpetuação e expansão do estilo

literário pelos séculos. O romance é dividido em: heroico, cômico, picaresco, por cartas, de formação, histórico, autobiográfico e *Nouveau Roman*. Por outro lado, o conto se divide em quatro tipos: gaulês, maravilhoso, filosófico e fantástico. E são esses múltiplos assuntos que expande essas formas de modo dinâmico e ainda mais fáceis de agradar ao público devido apresentar uma temática variada.

4 Materiais e Métodos

Essa pesquisa foi realizada mediante dados de cunho bibliográfico. As informações sobre o modelo literário em questão foram obtidas através de leituras de algumas obras em que os autores tratam do tema. Essas informações foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa e compreensão do tema tratado. O teor da mesma é de caráter qualitativo. Desse modo, foram analisados alguns aspectos nas obras sobre como situa o surgimento do gênero e sua evolução, a pluralidade do mesmo como fator contribuinte do seu crescimento e expansão. Assim como foi informado sobre a que teoria se classifica o estilo em fase clássica e moderna sendo mutável ou imutável assim como apreensão de suas características principais.

No contribuinte para uma melhor apreensão sobre o aspecto originário e evolutivo do item em destaque Sérgio Vicente Motta foi um grande norteador trazendo informações valiosas referente. Para complemento autores como Angélica Soares e Yves Stalloni foram fundamentais ambos tratam dos assuntos principais de interesse desse estudo, cujo foco centra na poesia épica, narrativa antiga, e o romance, forma moderna. A junção dos informes encontrados em obras dos autores referidos foi de grande valia para ampliação do conhecimento sobre essa temática.

Em relação aos elementos caracterizadores dessa forma destacada teve contributos de autores como: Cândida Vilares Gancho e Lígia Chiappini Moraes Leite que apresentaram grande importância para a complementação e enriquecimento desse assunto. Quanto às teorias tiveram enfoque tanto de Vitor Manuel de Aguiar e Silva como Moisés Massaud, em que esclareceram esse ponto bastante difuso e polêmico, a respeito da pluralidade envolvendo o estilo literário tratado Hênio Tavares trouxe para a análise destacada um estudo diversificado e esclarecedor.

5 Resultados Obtidos

Através dessa pesquisa exposta foi possível ter a percepção da importante evolução no âmbito narrativo que em tempos antigos equivalia-se a uma forma versificada com seres elevados com o intuito de imitar a realidade. Em fase moderna essa cede espaço ao romance que deixa para trás muitas características: o elemento divino e o herói grandioso são substituídos pelo homem comum, a prosa é a forma em destaque e a ficção predomina na linguagem.

Os elementos são fundamentais na construção do significado, dão forma, movimentam e desencadeiam a história. O hibridismo é mais uma manifestação evolutiva de liberdade da criação artística, nesse a narrativa se mescla ao drama, ao lírico e demais classes deixando no passado os preceitos antigos, a noção de gênero puro, dando forma, trazendo possibilidades de inovação de obras expandindo-as. O item abordado se configura como plural e múltiplo havendo diversas narrativas que foram aqui mencionadas com traços do mesmo, que contribuem para a sua perpetuação pelos séculos clássicos e modernos.

6 Discussão Teórica

Platão (2004) em *A República* cita a epopeia através de diálogos socráticos, essa é alvo de severas críticas por se tratar de uma poesia que imita a realidade, no entanto o poeta não a conhece por completo, ponto enfatizado pelo autor. Para ele essas narrativas homéricas eram prejudiciais à educação, portanto má influência para os jovens pelo fato de haver nelas abordagens em que o deus se valia de feitos contrários ao bem sendo que essa entidade divina era para ele sagrada. Sobretudo a narrativa antiga abordada nessa obra tinha caráter imitativo contendo deuses, musas e heróis, elementos constituintes da mitologia grega que tanto interessa a área filosófica, sob a narração em primeira pessoa.

Aristóteles (2005) em sua própria obra intitulada *Poética* menciona a poesia épica discorrendo sobre suas características centrais em uma das passagens a compara com a tragédia, na qual enfatiza: “a poesia épica emparelha-se com a tragédia em serem ambas imitação metrificada de seres superiores; a diferença está em que aquela se compõe num metro uniforme e é narrativa. (...) a epopeia não tem duração delimitada e nisso difere.” (p.24) A partir desse parecer do filósofo que evidencia a narrativa em sua época condiz com a imitação de seres

superiores sem limites de tempo. Cabe ressaltar que o mesmo realiza uma investigação profunda acerca da retórica, da poética e da estética na qual reconhece a existência da tríade platônica. Porém, para ele a divisão dos gêneros deve ser feita pela constatação do conteúdo e da função global deste na obra literária, isto é, se a forma estiver em consonância com o mesmo e como este é comunicado ao leitor.

Em meados do século XVIII, surgem novas visões atreladas a novos questionamentos quanto à rigidez adotada pelos neoclássicos na qual a teoria tradicional dos estilos genéricos cede espaço a crença na autonomia de cada obra literária devendo estas ser autônomas, valorizar suas inovações formais e híbridas até então desconhecidas, abrindo espaço para novas formas. No século XIX surgem novas perspectivas e novas divisões na qual é possível perceber sua evolução desde o surgimento no lirismo, sua fase épica, viril e sua corporificação em tempos modernos.

Para elucidar essa modernidade Soares (2007) em abordagem moderna enfatiza *O Guarani* de José de Alencar como sendo uma épica moderna aponta traços que remetem à tradição, no entanto apresenta uma versificação livre, que é uma característica de declínio da tradição. Aponta o romance como sendo o substituto dessa forma, que ao contrário da última volta-se para o homem comum, sendo ainda uma obra ficcional que cria uma nova realidade contrária a última que a imita. A forma anterior não é frequente a esse novo tempo, mas pode ser revisitada quando se tratar de assuntos nacionais e grandiosos.

Importa aqui elencar que a análise sincrônica e diacrônica também serviu de base para este estudo, pois é necessário ater-se a considerações e classificações antigas para compreender tal evolução. Dessa forma, percebe-se que a linha que divide as obras em estilos literários fica cada vez mais tênue, dificultando uma classificação precisa.

De acordo com as teorias aqui discutidas considerando visões clássicas e modernas, pode-se ressaltar que a poética clássica por anos engessou e até mesmo teorizou a questão das classes genéricas, com o processo de evolução literário esta foi gradativamente cedendo espaço às teorias modernas, porém funcionando como base e fundamento para as novas hipóteses que aos poucos foram abrindo um leque ainda maior de variações dentro dos estilos literários,

promovendo mais liberdade aos escritores e transformando - os de acordo com a necessidade histórica e atual de cada sociedade.

7 Considerações Finais

Ao longo desse enfoque sobre o gênero estabelecido em seu ponto evolutivo, foi realizada uma análise partindo dos objetivos que serviram de base para a seleção de informações, na qual esteve em pauta a origem e evolução do item em destaque, suas características, teorias que fazem relação com o mesmo e as narrativas classificadas. Os problemas permitiram uma ampliação sobre o assunto ao passo que foi delimitado por meio das hipóteses que promoveram uma compreensão e esclarecimento ao sanar as dúvidas iniciais.

Embora esse estudo não seja conclusivo fica em aberto a continuação do tema em futuros trabalhos podendo ser exemplificado os resultados obtidos acerca dos pontos centrais objetivados através de escolha de alguma das formas aqui mencionadas, com o intuito de enriquecer mais essa pesquisa. Podendo haver a inserção principalmente de narrativas primitivas paralelo às modernas para evidenciar com maior precisão as transformações ocorrentes dos tempos remotos aos atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. Poética. In: _____. **A Poética Clássica**, 12ª edição. São Paulo: Cultrix, 2005. P. 19-52.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**, 9ª edição. São Paulo: Ática, 2006.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. O Foco Narrativo, 10ª edição. São Paulo: Ática, 2001.

MASSAUD, Moisés. Gêneros Literários. In: _____. **A Criação Literária: Poesia**, 18ª edição. São Paulo: Cultrix, 2003. p.45-68.

MOTTA, Sérgio Vicente. **O Engenho Da Narrativa e sua Árvore Genealógica Das Origens a Graciliano Ramos e Guimarães Rosa**. São Paulo: UNESP, 2006.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. Gêneros Literários. In:_____. **Teoria Da Literatura**, 8º edição. Coimbra: Almedina, 2007. p.339-401.

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**, 7º edição. São Paulo: Ática, 2007.

STALLONI, Yves. **Os Gêneros Literários**, 2º edição. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

TAVARES, Hênio Último da Cunha. Gêneros Literários. In:_____. **Teoria Literária**, 12º edição. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 2002. p. 107-136, 157-160.

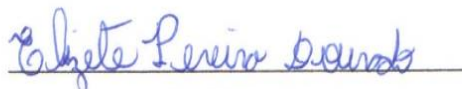
CÂMPUS POSSE - GOIÁS
COORDENAÇÃO ADJUNTO DE TRABALHO DE CURSO
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA DE ARTIGO CIENTÍFICO
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

DECLARAÇÃO DE DISCENTE

Declaro para fins documentais que o meu Artigo científico apresentado ao Curso de Letras Português/Inglês do Câmpus Posse (GO), - Universidade Estadual de Goiás-UEG, é original, e não se trata de plágio; não havendo, portanto, cópias de partes, capítulos ou artigos de nenhum outro trabalho já defendido e publicado no Brasil ou o exterior. Caso ocorra plágio, estou ciente de que serei reprovado na Disciplina Trabalho de Curso.

Por ser verdadeira, firmo esta declaração.

Posse (GO), 05. de novembro de 2018.



Acadêmico (a)

CÂMPUS POSSE - GOIÁS
COORDENAÇÃO ADJUNTO DE TRABALHO DE CURSO
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA DE ARTIGO CIENTÍFICO
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

DECLARAÇÃO DE REVISÃO ORTOGRÁFICA

Eu, Adeilda Maria Canguçu, professora de português, DECLARO que realizei a Revisão ortográfica completa do Artigo, Curso de Letras Português/Inglês da acadêmica Elizete Pereira Dourado, observando as recomendações da NGB do ponto de vista ortográfico, morfológico, sintático, semântico, principalmente coesão e coerência no *corpus* do texto.

Para efeito de documento, firmo a presente declaração.

Posse (GO), 05 de novembro de 2018.

Adeilda Maria Canguçu

Professor (a)

Professor: Adeilda Maria Canguçu
 Endereço: Rua 25 Q22 L02 Ater Novo Buriti I Buritinópolis - Go
 Telefone fixo: _____ Cel.: 62) 9.96 97 42 54

CÂMPUS POSSE - GOIÁS
COORDENAÇÃO ADJUNTO DE TRABALHO DE CURSO
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA DE ARTIGO CIENTÍFICO
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

FICHA DE CONTROLE E FREQUÊNCIA

Declaração da entrega das Atividades propostas no Regulamento

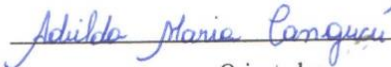
- () Projeto de Pesquisa
 (X) Artigo

Declaro que a acadêmica, Elizete Pereira Dourado realizou, cumprindo os prazos, a atividade acima assinalada do artigo científico, estando apto a depositá-lo, conforme previsto no regulamento na seguinte situação:

- (X) Concluído e finalizado (redigido e digitado).
 () Em fase de conclusão (indicar o que esta faltando).
 () Em fase de elaboração (indicar o estágio em que se encontra).
 () Realizou o Artigo passo a passo, conforme a orientação do orientador.
 () Não realizou o Artigo passo a passo, conforme a orientação do orientador.
 () Trouxe o Artigo finalizada sem o conhecimento do orientador.

OBSERVAÇÃO:

Posse (GO) 05 de novembro de 2018.


 Orientador